

RELATÓRIO FINAL DE ATIVIDADE  
PROGRAMA “APRENDER COM CULTURA E EXTENÇÃO”

“MAPOGRAFIAS DE SÃO PAULO ZONA LESTE –  
Construção de mapas da cidade por estudantes da rede pública”  
Prof. Dr. Jorge Bassani



## RELATÓRIO FINAL

### Projeto de Extensão – Programa Aprender com Cultura e Extensão

#### MAPOGRAFIAS DE SÃO PAULO - ZONA LESTE

**Coordenação:** Prof. Jorge Bassani

#### 1. Projeto

O projeto **Mapografias de São Paulo - Zona Leste**, apresentado para o programa *Aprender com Cultura e Extensão* no período agosto 2015 – julho 2016, compõe os trabalhos de extensão intitulados ‘Mapografias de São Paulo’ relacionados às pesquisas do GeMAP, Grupo de Estudos Mapografias Urbanas, alocado no AUH FAU-USP. A atividade de extensão com mapografias já participou anteriormente do programa Aprender com Cultura e Extensão no período ago/2012 a ago/2013, aplicado no Colégio São Paulo, situado no Centro da cidade. Nesta segunda edição concluída no mês passado, os desafios foram outros em função de estarmos atuando na periferia leste, em uma comunidade no território da várzea do Rio Tietê.

O projeto consistiu de praticar métodos de investigação sobre as representações de cidade feitas por jovens de escolas da rede pública. Montamos um grupo de trabalho composto por professores colaboradores e dois bolsistas graduandos da EACH que atuaram como monitores perante uma turma de estudantes do nível médio da escola E. E. Prof. Pedro Moreira Matos, localizada no Jardim Lapenna, subdistrito de São Miguel Paulista.

O grupo conduziu um trabalho com 12 secundaristas construindo mapas do seu cotidiano no bairro e compartilhar com todos os estudantes da escola em horário de recreio.

#### 2. Desenvolvimento

Após a seleção do projeto no “Aprender” com a provisão de dois bolsistas perante os quatro solicitados demos início aos trabalhos. Tínhamos a experiência anterior do Colégio São Paulo e sabíamos da grande carga de trabalho para alcançar os objetivos do projeto, por isso foram solicitados quatro bolsistas, mas também, naquela ocasião tivemos que desenvolver o projeto com apenas dois. Entretanto, no extremo Leste da cidade as dificuldades seriam maiores, a começar pela grande distância da Cidade Universitária.

Parte destas dificuldades foi sanada de forma inesperada, os dois bolsistas selecionados eram da EACH, o campus da USP na Zona Leste de São Paulo. Além da proximidade com o bairro que trabalhamos, eles também possuíam maior intimidade com os códigos locais. Caio é estudante do curso de Educação Física e Gabriel de Gestão em Políticas Públicas, os cursos de origem dos dois universitários também criaram novas perspectivas para o projeto. Ambos contribuíram imensamente no relacionamento com os jovens do Pedro Moreira.

Contudo, nenhum deles tinha muito conhecimento sobre produção e leitura de mapas (na versão 2012 os dois bolsistas eram da Geografia). Esta demanda foi atendida com a colaboração (envolvimento presencial nas oficinas) de três bolsistas estudantes da FAU (Ana Carolina da Costa, Cecília Andrade Fiúza e Cláudia Carolina Nonato) selecionadas para outro projeto do nosso grupo no mesmo programa, *“Melhorias habitacionais no Jardim Lapenna, zona leste”*. Os dois projetos, além de propostos para o mesmo bairro, contavam com equipes que colaboraram entre si desde a montagem de cada projeto.

Com o grupo efetivado seguimos a programação prevista pelo projeto em três blocos:

O primeiro, a fase na qual formamos o bolsista para o trabalho com os estudantes de segundo grau. Nesta fase de discussões e apresentações de conceitos, também instruímos o graduando no sentido de pesquisas cartográficas em institutos públicos e privados.

O segundo bloco foi o trabalho efetivo de produção de mapas com os secundaristas. Este trabalho foi conduzido no edifício escolar e em circuitos pelo bairro. O desenvolvimento metodológico da produção dos mapas consistiu em diferentes sessões de trabalho, dos desenhos de memórias de casa para escola e volta a outros elaborados a partir de condições temáticas como os mapas do lúdico ou do ócio na cidade ou mesmo os mapas dos perigos da existência no urbano.

O último bloco previa digitalização e tratamento da produção gráfica dos mapas e a edição deste do material com o objetivo de torná-lo público. Entretanto, foi parcialmente realizado, uma parte do material das oficinas ficou na escola atendendo ao pedido da direção. Eles nos propuseram disponibilizar o mapa base produzido em outros horários escolares para registrarmos os resultados. Ficou aberta a possibilidade de outras apresentações do mapa coletivo no próximo semestre letivo.



Localização do bairro do Jardim Lapenna em relação ao centro e à Cidade Universitária a partir de imagens do Google-Earth

Outro ponto muito importante neste relato é a grande diferença da infraestrutura da escola em relação à E.E. São Paulo no ano passado. Os recursos da Pedro Moreira são muito mais limitados, o material para as oficinas é providenciado pelo GeMAP, mas contamos com a infra da escola, projetor de dados, por exemplo. Entretanto o mais sensível para a realização do projeto foi o espaço físico mesmo, desde a chegada ao prédio escolar, as diversas portas e trancamentos, até a iluminação natural das salas, oferecia um ambiente pouco estimulante para o trabalho. Certo dia ao chegarmos para uma oficina fomos informados que não poderíamos ficar na sala porque ela estava coberta de cacos de vidro, fruto de vandalismo e invasão da escola na noite anterior.

Devemos destacar que direção e professores sempre foram muito participativos e comprometidos com o projeto e com a escola em geral, sempre se mobilizaram para resolver problemas da estrutura física e

nos dar a melhor condição de trabalho. Uma das soluções foi a transferência da atividade para a biblioteca. Embora fosse um espaço assim nomeado, ele era bem menor do que uma sala de aula, porém muito mais acolhedor. Também é necessário deixar claro que não se trata de expor uma visão caricata de periferia violenta, muito pelo contrário, trata-se de expor como é desigual a distribuição de recursos para os equipamentos públicos nos centros e nas periferias. Fomos muito bem recebidos pela comunidade da escola e de fora dela, realizamos algumas das atividades no galpão da Fundação Tide Setúbal, com muito e arejado espaço, com participação de outras pessoas da comunidade.

A Fundação Tide Setúbal, uma das parcerias que fizemos para aproximação e diálogos com o território, realiza trabalhos comunitários em São Miguel há mais de 10 anos. Eles têm uma série de atividades junto à Delegacia Regional de Ensino e demonstraram grandes interesses pelo trabalho, nos levaram a reuniões com DRE e a partir delas visitamos algumas escolas na região. A empatia entre o Coordenador pedagógico e a direção da E. E. Pedro Moreira com o projeto foi imediata e começamos a organizar o trabalho lá.

O Pedro Moreira é destas escolas que apresentam um diferencial na relação com os alunos, com o prédio e com o bairro, única e exclusivamente por conta da dedicação de um grupo de professores e da coordenação pedagógica, é um empenho das pessoas envolvidas. Isto consegue transformar o ambiente e deixá-lo agradável, se o espaço não é tão bem cuidado, as pessoas se cuidam de um jeito que os estudantes fiquem receptivos às propostas da escola, as relações pessoais produziram uma impressão avessa à escola pública nas periferias, em ruínas e violentas. Finalizamos as atividades com sentimento de grande empatia recíproca com professores e jovens da escola, Além das oficinas fizemos rodas de conversa na FTS e, depois de concluídas as oficinas, trouxemos o grupo de estudantes para conhecerem a FAU, foi uma experiência muito interessante. Nesta ocasião uma fala de um jovem foi bastante significativa quanto a relação com o território, ao final da visita às, muito qualificadas, instalações da FAU, um bolsista perguntou ao adolescente se havia gostado da visita e se gostaria de estudar lá, o jovem respondeu: “Não, eu gostaria sim que esta escola estivesse no meu bairro”

Durante a primeira etapa do projeto, enquanto as estudantes da FAU produziram os mapas para trabalharmos nas oficinas, eu e os bolsistas da EACH fizemos uma série de reuniões e apresentações do projeto para professores e alunos da E. E. Pedro Moreira. O objetivo foi trazer professores da escola para o projeto e montar o grupo de estudantes para participar das oficinas.



### 3. Dos objetivos e resultados

Os objetivos do trabalho se subdividiam em dois grupos, um atuando com os estudantes da USP no sentido de lhes oferecer uma condição especial para a compreensão da realidade ambiental e social das periferias da cidade; o outro dizia respeito ao trabalho com os secundaristas que habitam o bairro, o projeto propôs situações de conhecimento do território de sua comunidade e da cidade. O projeto tinha ainda um objetivo colateral, reunir material de pesquisa para o Grupo de Estudos Mapografia Urbanas.

Em relação aos bolsistas da USP que participaram do projeto, podemos dizer que os objetivos foram amplamente alcançados, todas as conversas de balanço dos trabalhos em cada fase do projeto apresentavam reflexões profundas sobre a realidade dos territórios periféricos e grande entusiasmo em estar participando das atividades, tanto por parte dos dois bolsistas integrados ao “Mapografias – Zona Leste” quanto das colaboradoras bolsistas do projeto “Melhorias habitacionais no Jardim Lapenna, zona leste”.

Afirmar que os objetivos junto à comunidade e aos adolescentes estudantes da escola pública foram alcançados é sempre relativo. Esta medição de objetivos não se dá no trabalho eventual e recortado no tempo, ou seja, os objetivos são alcançados por meio de um trabalho que se consolida no tempo e resulta da confiança e solidariedade entre as partes. Neste sentido o projeto nos deu grandes expectativas, a relação com a escola Pedro Moreira não terminou em julho com o projeto de oficinas de mapografias. Muito conversamos com a direção da escola sobre desdobrar as atividades do projeto em outras realizadas em parceria com a DRE e a comunidade. O próprio mapa-base produzido nas oficinas foi requisitado pela direção para continuar mais uns meses na escola. Já estão agendadas reuniões com professores e alunos do colégio para discutirmos o projeto realizado e outros futuros. Os estudantes da EACH convidaram os secundaristas para irem ao campus Leste e conhecerem o cursinho preparatório para o vestibular dos estudantes.

Quanto aos resultados, conseguimos realizar o que estava proposto. A experiência de 2012 no Pque D. Pedro II nos deu grande senso de realidade possível. E, também, nos deu experiência para agilizar e concentrar resultados. Por exemplo, não conseguimos fazer no Colégio São Paulo uma exposição na escola com os resultados das oficinas de 2012. Nesta edição do projeto, não só conseguimos, como ela foi bem além de expor os resultados, transformou-se em um *happening* com a participação de quase todos os estudantes que estavam no pátio na hora do intervalo de aulas.

Também contabilizamos como resultados importantes o convite de DER e da Fundação Tide Setúbal para compormos uma equipe de trabalho para desenvolvimento de atividades especiais para professores e estudantes. Da mesma forma, foi a reivindicação da direção da Pedro Moreira e de alunos que não participaram das oficinas para voltarmos lá para fazermos outros trabalhos de mapeamento da comunidade.

Do ponto de vista prático o projeto possibilitou experimentações muito significativas a todos os envolvidos, professor responsável, bolsistas e estudantes de ensino médio participante, no sentido de entendimento e reflexão sobre o ambiente de nossa cidade. Verificamos isto na produção de mapas durante as oficinas e nos depoimentos dos participantes ao final dela.

Contudo, dois outros aspectos devem ser apontados como resultados das atividades propostas, o primeiro em relação ao trabalho de extensão universitária. Neste sentido a segunda edição do projeto confirmou a amplitude e profundidade da extensão em oferecer aos jovens do território o contato com pesquisas acadêmicas e conteúdos que abrem horizontes para a reflexão numa idade fundamental, vinculados ao próprio senso de cidadania e participação.

Um segundo olhar sobre os resultados dirige-se no sentido contrário, sob o pensamento freiriano da extensão, não oferecemos nada, na verdade trocamos saberes. Assim a experiência no Lapenna tem impacto profundo na Universidade, inicialmente na formação do estudante universitário, mas também na pesquisa do GeMAP nas áreas de percepção urbana, urbanismo e representação gráfica.

#### 4. Atividades realizadas

Com o objetivo de construir mapas do bairro com alunos de ensino médio da rede pública, no Jardim Lapenna seguimos a mesma estrutura testada no ano anterior, o trabalho foi dividido em três etapas ao longo de um ano. A primeira, de “preparação”, consistiu de duas frentes, uma voltada à instrumentalização dos bolsistas quanto aos métodos aplicados nas oficinas, e outra voltada aos contatos e organização das atividades práticas no colégio escolhido para o trabalho. Esta primeira etapa se estendeu de agosto de 2015 a março de 2016.

A segunda etapa foi a realização das oficinas na escola E.E. Pedro Moreira Matos, elas foram realizadas entre abril e maio de 2016, semanalmente nas quintas feiras das 13 às 17h00. Ainda tivemos dois encontros extras: uma no galpão da FTS numa roda de conversa com moradores do bairro em geral; outro com os alunos da escola em uma visita ao prédio da FAU-USP em 15 de junho.

Na Zona Leste alteramos etapa de finalização dos trabalhos. O projeto inicial previa a finalização com acabamento gráfico dos mapas produzidos, Esta etapa se mostrou pouco efetiva em dois sentidos, um a própria inviabilidade com os bolsistas que tínhamos, mas, principalmente, ela não trazia ganho expressivo para o trabalho de extensão por ser basicamente formal e longe da participação dos estudantes secundaristas. Optamos por uma finalização mais integrada à escola e toda sua comunidade, encerramos o trabalho na escola produzindo um mapa geral e convidamos todos e todas, no horário do intervalo noturno, a fazerem anotações sobre ele. O resultado foi muito mais dinâmico e participativo, conseguimos encerrar o ciclo com uma festa na escola

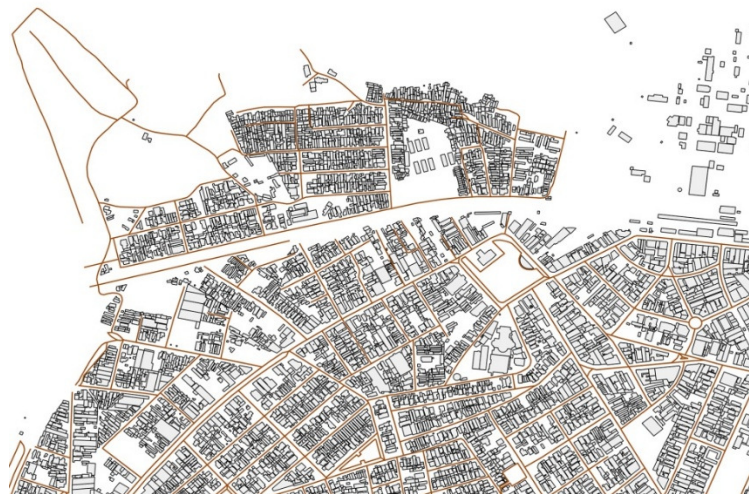
##### 4.1 Preparação

- Apresentação dos objetivos e metodologia para os bolsistas: 1. Conceituação de mapografia; 2. A região objeto de estudos; 3. O desenvolvimento dos trabalhos junto aos estudantes secundaristas, roteiro das oficinas.

Foram realizados encontros com os bolsistas e voluntários do GeMAP entre setembro e novembro. Nesses encontros pudemos tratar das bases conceituais e metodológicas das oficinas por meio de leituras dirigidas e exposições de temas pelo professor coordenador. Paralelamente os bolsistas realizaram pesquisas históricas, principalmente iconográficas e cartográficas, para produção das exposições introdutórias a cada dia de oficina.

Finalmente, foram produzidas as bases cartográficas do J. Lapenna para levar aos estudantes do bairro.





MAPA 2



MAPA 3

Mapas base produzidos previamente para ser levado às oficinas com os estudantes do Lapenna - MAPA 1: O bairro em relação à São Miguel Paulista; MAPA 2: Principais eixos de circulação no bairro; MAPA 3: Figura e fundo. Elaboração: GeMAP

- Foram realizadas reuniões com a Delegacia Regional de Ensino de S. Miguel Paulista e a escolas da região para apresentar o projeto e selecionar uma escola para realizar o trabalho.

A E. E. Pedro Moreira Matos no Jardim Lapenna recebeu a proposta com mais entusiasmo e foi mais ágil em nos dar retorno. No mês de novembro fizemos reuniões com o administrativo da E. E. para definirmos a agenda trabalho e as demandas físicas para a realização dele. No mesmo mês fizemos a apresentação para o corpo docente da E.E.

Antes do final do ano letivo fizemos a primeira de três apresentações do projeto para os estudantes, as outras duas aconteceram em março deste ano.

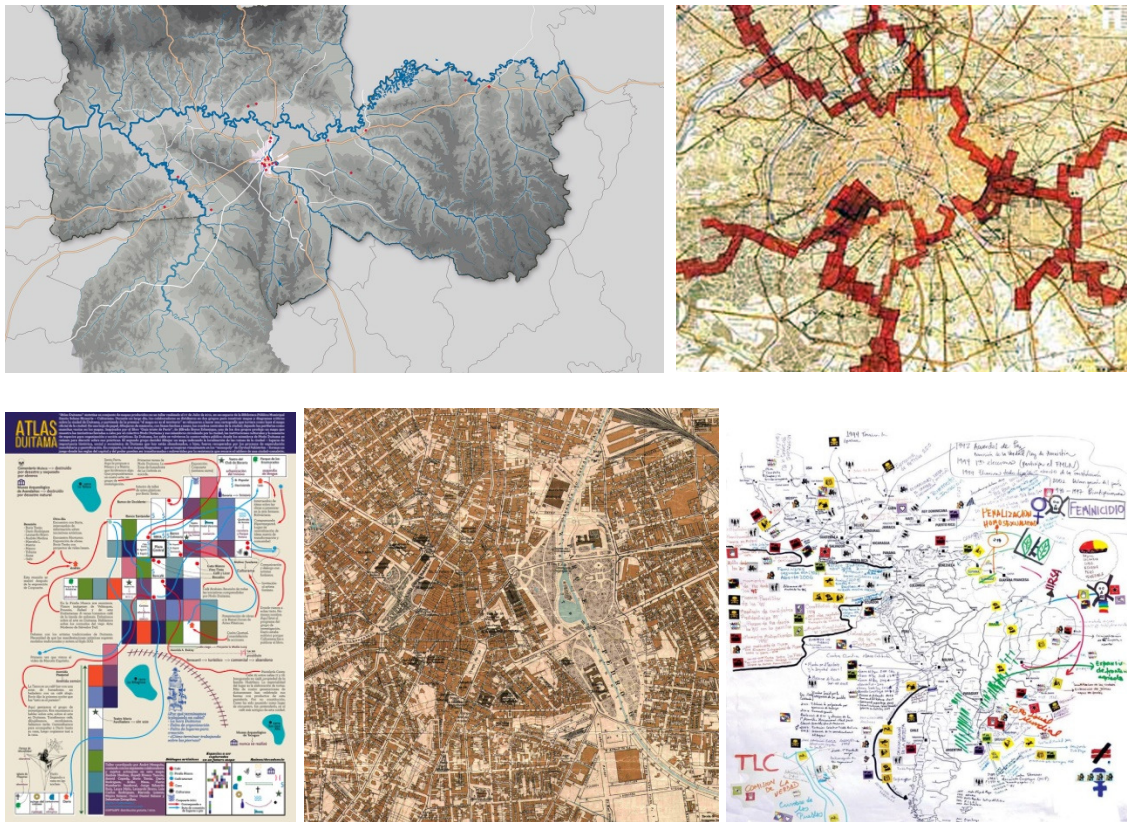
As apresentações foram estruturadas em três partes, a primeira descrevendo o trabalho com mapografias urbanas realizado no GeMAP com estudos de mapas da cidade não só como informação objetiva e descritiva, mas, também, com mapas perceptivos e narrativas da cidade e seus ambientes; a segunda parte da exposição fixou-se nos aspectos históricos e geográficos da Várzea do Rio Tietê dos bairros na faixa entre ferrovia e várzea e o J. Lapenna. A exposição terminava com a descrição detalhada da proposta de trabalho e dos conteúdos e exercícios práticos das oficinas.

O projeto de trabalho foi muito bem recebido especialmente pelos professores de física (prof. Leonardo) e Biologia (prof. Luan). Depois da palestra e comunicação fizemos reuniões com grupos menores de professores para conversarmos sobre o projeto e a área da cidade onde nos encontrávamos.

No início das aulas em 2016 realizamos palestras de comunicação do projeto para os alunos da escola. Foram realizadas três em função da dificuldade de juntarmos grupos maiores no horário das aulas. A estrutura da exposição foi semelhante a apresentada aos professores, com alguns cuidados mais didáticos levando-se em conta o repertório dos secundaristas, os próprios professores do colégio nos ajudaram na tarefa.

Ao final da palestra foi feito o chamamento para interessados em participar das oficinas e as formas de seleção considerando autorização dos pais e compromissos com a direção da escola.

Foi formado um grupo inicial com 12 estudantes.



Exemplos de mapas e mapeamentos nas apresentações do projeto aos estudantes do E.E. Pedro Moreira. Na sequência: 1. Sítio natural de São Paulo, São Paulo: Cidade e Arquitetura – Um Guia; 4. New Babylon – Constant. Creative commons; 5. Atlas Duitama, André Mesquita; 6. Sara Brasil; 7. Iconoclastas, creative commons

#### 4.2 Oficinas

As oficinas ocorreram entre os dias 7 de abril e 19 de maio de 2013, às quintas-feiras das 13h às 17h00 em uma sala de aula normal da escola estadual. Elas começaram com 12 adolescentes participantes, foi muito difícil manter assiduidade do grupo. Pelos mais diversos motivos, cuidar do irmãozinho, um bico de trabalho, eles se ausentavam de uma semana para a outra.

O mais animador é que mesmo assim voltavam e mantinham o entusiasmo, sempre demonstravam muito interesse pelo fazer coisas diferentes dos conteúdos formais das aulas. A aproximação com eles foi agilizada por nossos dois bolsistas da EACH, muito rapidamente eles perceberam que o que nos interessava mesmo era o cotidiano deles no bairro. Tratar da própria vida e do próprio lugar, como

aprendemos com Paulo Freire, no ambiente da escola com professor e estudantes universitários para eles era uma novidade e os deixou muito curiosos e participativos.

As oficinas foram coordenadas pelo grupo do GeMAP com o auxílio de dois bolsistas da EACH, e tiveram como objetivo desenvolver mapas, desde os de localização até os de percepção do ambiente urbano.

Os trabalhos foram basicamente de representações bidimensionais em técnicas variadas, mas em um escopo restrito: desenho sobre planta da cidade, desenho com traços, colorido e colagem. Não que a proposta inicial limitasse as técnicas de representação, ao contrário, prevíamos a possibilidade de produzir modelos tridimensionais. Entretanto, a limitação do número de bolsistas e a ausência de instrumental para a produção de modelos, inviabilizou tal produção apesar do grande interesse dos estudantes em fazê-la.

O material utilizado nas oficinas foi a sobra do fornecido pela diretoria da FAU por ocasião da realização do projeto no Colégio São Paulo em 2012-13.

Programação e realização em cada encontro com os estudantes do Pedro Moreira:

1 – 07/04/2013

Programação

- Conversa: Apresentação da 'idéia' e os métodos de trabalho. Expor o que é uma planta e como é lida, da mesma forma um mapa e as possibilidades de leituras diversificadas.

Ex: - marcar em plantas os percursos cotidianos  
- qualificar e 'narrar' os percursos graficamente

Realização

Primeiramente fizemos uma exposição do que ocorreria ao longo do processo de 6 encontros, os estudantes participantes já haviam assistido a palestra feita ao coletivo de alunos da escola e também das entrevistas, ou seja, já tinham informações iniciais sobre a atividade.

Sucintamente foi colocado o que é uma planta da cidade, as utilizadas foram as produzidas pelas bolsistas da FAU. Mostramos quais informações os mapas continham e como podemos lê-las. Em seguida mostramos outros tipos de representação do território e a importância de trabalharmos também com elas para entendermos a cidade e seus usos.

Posteriormente iniciamos as atividades práticas propondo a cada aluno que marcasse em uma planta fornecida a eles, os percursos de suas casas ao colégio.

Muito rapidamente eles se localizaram e procederam com o exercício. Não tiveram a mesma facilidade com o segundo exercício, desenhar os elementos marcantes ou referenciais em cada percurso, considerando uma escala de proporção das distâncias entre eles.

Eles pediram para concluir esses desenhos em casa e trazer no próximo encontro.





>>>Oficina 1 - 05/04/2013



2 – 14/04/2013

Programação

- Memória: Mapas que trabalham a relação história/geografia, as marcas da história.

- Ex:
- Pesquisa e diversidade gráfica dos exs anteriores, os percursos
  - Aproximação com o tema do lugar: geografia e história

Realização

Ao chegarmos na escola para a atividade sabemos que não poderíamos ficar na sala de aula, na noite anterior a escola foi vandalizada e quebraram várias janelas. A partir desse dia passamos a utilizar a biblioteca. Na segunda oficina o tema geografia e história do lugar foi tratado a partir da apresentação de mapas históricos da cidade para entendermos a ocupação da várzea. Com a plantas do sítio natural de São Paulo do Prof Aziz Ab'Saber, mostramos aos participantes a topografia e o percurso do rio Tietê com as transformações ocorridas na retificação e drenagem da várzea para a ocupação urbana. Foi apresentada uma sequência de fotos aéreas do bairro desde 2002, mesmo a eles bem jovens ficou bem clara a rapidez e a inviabilidade ambiental do processo de urbanização precária. A atividade prática consistiu da criação de um mapa coletivo juntando todos os percursos de casa ao colégio, por esta via saímos da escala doméstica para pública. Este mapa foi construído a partir da projeção da planta ampliada que haviam trabalhado no exercício anterior para que o parque fosse mais presente sem, contudo, perder a relação com as outras áreas da cidade.



>>>Oficina 2 - 14/04/2013



3 – 28/04/2013

Programação

Deriva: Passeio pelo Jardim Lapenna: definição de roteiros e organização do grupo

Realização

Antes de sairmos para o caminhar pelo bairro definimos algumas situações para o percurso, a idéia não era definir um roteiro fixo, mas sim deixá-lo flexível para obtermos uma resultado de deriva e, principalmente, que os jovens nos apresentassem o território. Enquanto tal traçou-se algumas metas, os principais pontos de encontro e equipamentos comunitários, mas deixamos o grupo livre para fazer o percurso a partir das motivações e curiosidades sobre as ocorrências no caminho.

A atividade foi encerrada no Galpão da Fundação Tide Setúbal e conhecer as atividades que lá acontecem.



>>>Oficina 3 - Deriva - 28/04/2013

4 – 05/05/2013

Programação

- Traçar mapas do Jardim Lapenna

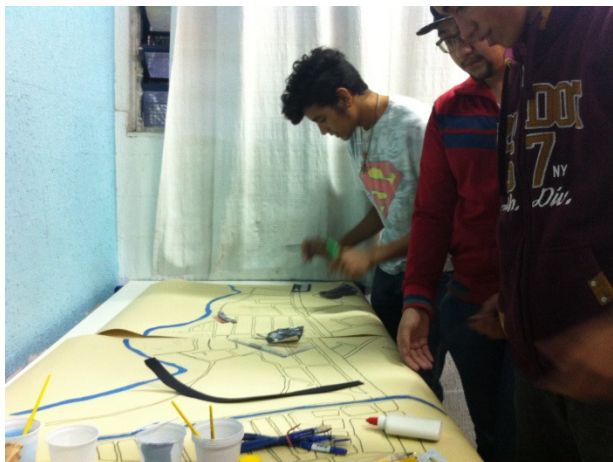
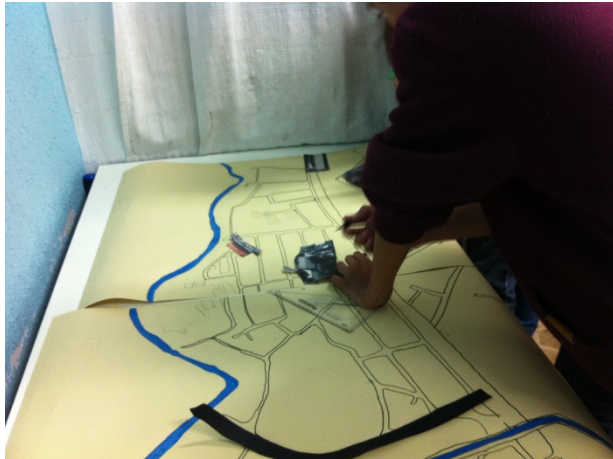
Ex: - Mapas do bairro (os caminhos percorridos / coleta de materiais (fotos, desenhos, frotagens, objetos...))

Realização

O quarto encontro foi dedicado à construção de mapas do bairro. O objetivo era a representação da experiência com o lugar, tanto dos vestígios da várzea, quanto toda a diversidade dos acontecimentos que ocorrem por debaixo de uma aparente homogeneidade. Aspectos como a freqüência dos moradores de rua, a grande quantidade de lixo e entulho, a falta de mais espaços de lazer, foram os mais relevados pelos adolescentes em sua percepção do lugar. Mas, também fizeram questão de nos

apresentar o campo de futebol como lugar onde as pessoas se encontram, mesmo o que não jogam e as crianças, promovendo de fato encontros da comunidade.

As discussões sobre a deriva anteciparam grande parte do conteúdo deste encontro e tomaram grande parte do tempo de trabalho. Mesmo assim, foram ensaiados os primeiros mapas perceptivos do território. Estes primeiros desenhos partiram da ampliação da área do bairro para compor um suporte de trabalho para os mapas temáticos previstos para a sequência das oficinas. Para esta ampliação os estudantes preferiram tomar como base as fotos aéreas por entenderem que ela era uma representação mais realista da realidade física.



>>>Oficina 4 - 05/05/2013

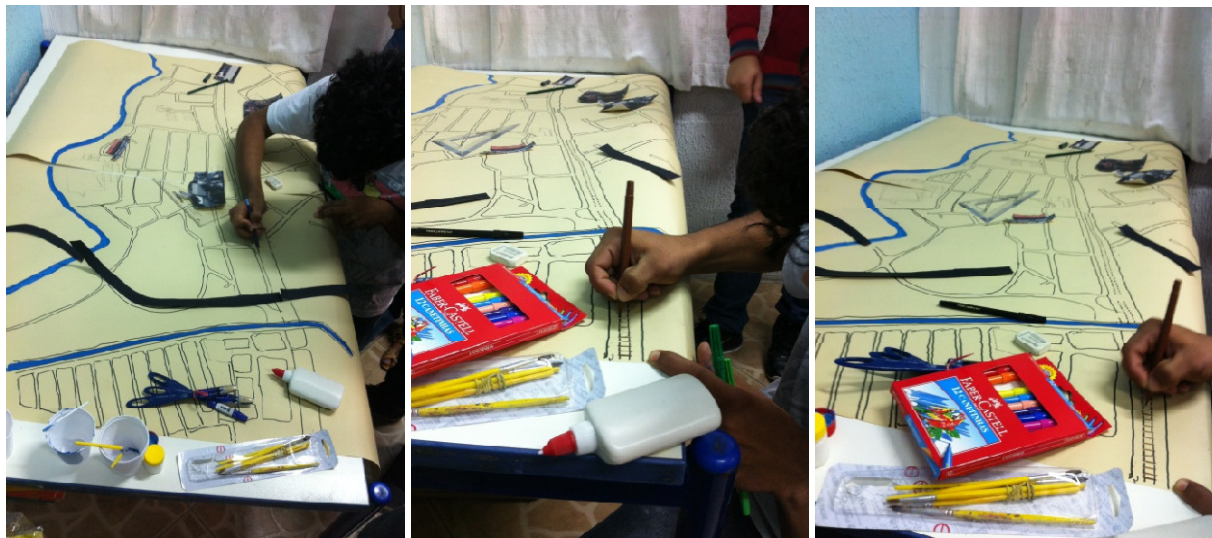
5 – 12/05/2013

Repertório: Discussão aprofundada da experiência com o lugar. Incentivar tanto o aprofundamento temático como o técnico-gráfico (ou mesmo o tridimensional)

#### Realização

Tivemos dificuldades com que o grupo de participantes produzissem mapas do bairro na intensidade das narrativas surgidas nas conversas e na deriva pelo bairro. Faltavam recursos gráficos e mesmo desinibição. A única forma de superar a dificuldade inicial foi dar mais tempo, concentrar mais os trabalhos de representação e discutir como queríamos que o bairro fosse representado. A partir de um esforço coletivo chegamos a um mapa base do bairro em sua forma urbana, mas também com um grande número de sinais pessoais e autorais de cada um dos estudantes do grupo. Porém, das conversas surgiu a proposta coletiva de abrir o mapa para os estudantes do Pedro Moreira que não participavam do projeto, ou seja, uns 250 alunos!

Se o mapa que estávamos fazendo carecia de recheio, de camadas de acontecimento, jogá-lo a um grupo maior que frequentam também diariamente o território, poderia trazer uma nova dimensão para o nosso mapa.



>>>Oficina 5 - 12/05/2013

6 – 17/05/2013

Programação

- Mapas temáticos: Encontro – sociabilidade / riscos / utopias

Realização

O último encontro foi mais extenso, ele avançou o período da noite para que pudéssemos compartilhar o mapa com os demais estudantes da escola do Jdim Lapenna.

No período da tarde o mapa-base foi concluído com a inserção dos pontos referenciais do bairro, aqueles que nos foram apresentados pelos próprios estudantes no passeio realizado na oficina 3.

Ficamos para o período da noite, a proposta era expor o mapa em uma das paredes do pátio no horário do intervalo e convidar todos para grafarem no mapa aquilo que mais interessava a cada um.

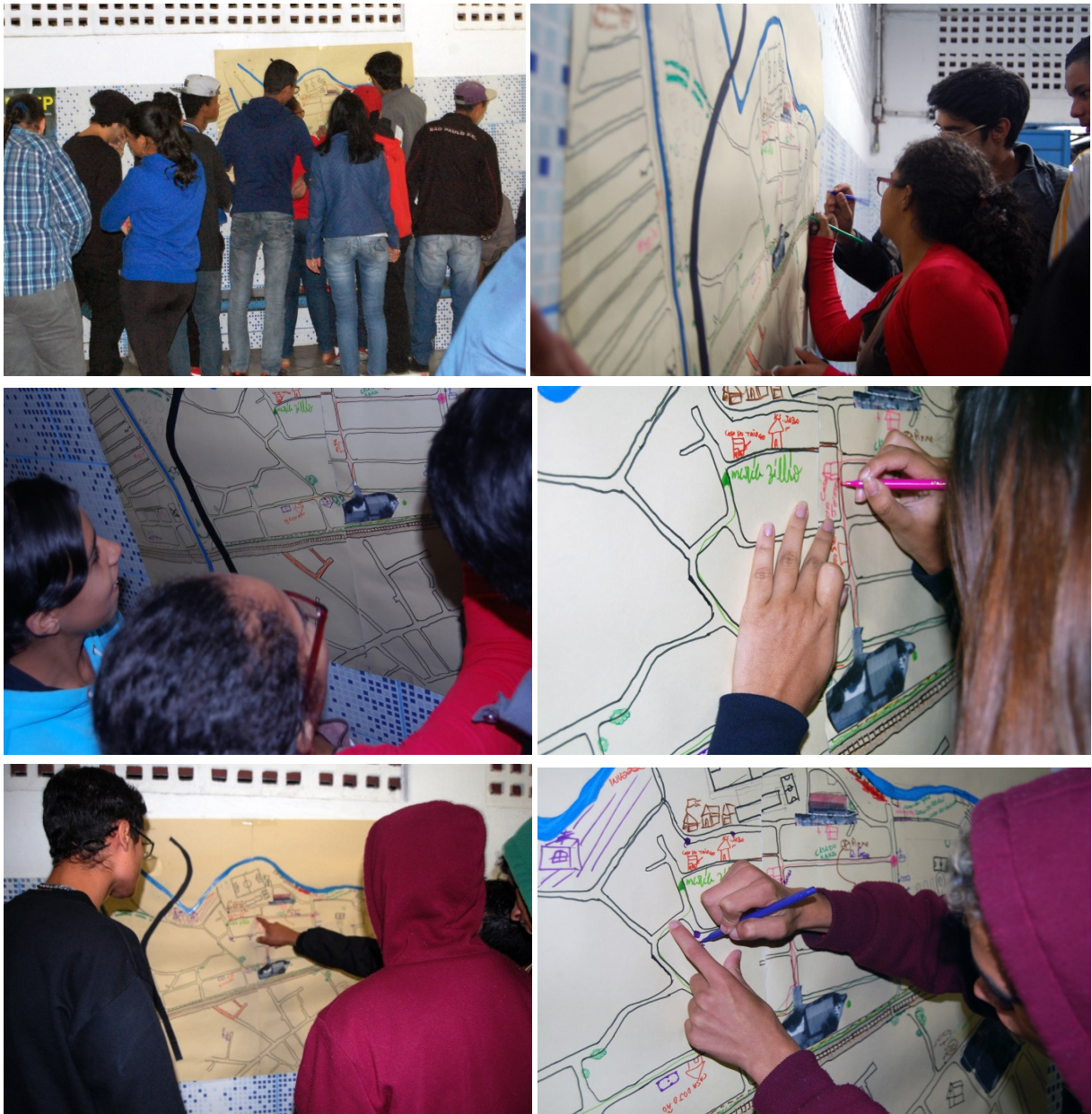
No início houve certa timidez, eles achavam que riscar sobre o mapa iria danificá-lo, portanto apontavam lugares do bairro com o dedo, mas, apesar da oferta de lápis e canetas pelos participantes das oficinas, eles não desenhavam. Passado algum tempo, os primeiros corajosos começaram a fazer marcas sobre o mapa, foi imediato o enxame em frente ao mapa pendurado na parede do pátio da escola.

Na medida em que alguém marcava sua casa ou lugar de encontro, outros completavam com novas marcas de lugares reconhecíveis no entorno. Ou mesmo para corrigir a localização exata do ponto no mapa.

A proposta inicial do projeto era terminá-lo com a criação de um mapa coletivo pelos estudantes selecionados para as oficinas nos mostrando como eles viam o bairro. A ideia de trocar por um *happening* no pátio da escola surgiu do próprio grupo, tantos dos bolsistas da USP quanto dos estudantes do Pedro Moreira. Ela surgiu como solução ao entrave surgido nas primeiras tentativas de mapa coletivo pelo grupo participante.

Eles se empenharam e fizeram uma representação de ótima qualidade do bairro, o viário, a ferrovia e o rio, os equipamentos e lugares de encontro. Entretanto, o resultado era contido, respeitoso demais com

o trabalho escolar e “sério” do mapa do bairro organizado por professores e alunos da USP. Quando o mapa se abriu para o território e os coletivos deles, o excesso de cuidado foi superado, o mapa passou a ser deles, dos estudantes da escola, os próprios participantes das oficinas provocaram os demais a desenhar sobre os mapas como também fizeram novas marcas, muito mais pessoais e subjetivas do que as feitas no processo das oficinas. O recado claro no evento final do projeto foi a força de atuação do coletivo na construção de mapas.



>>>Oficina 6 – *Happening* de encerramento - 17/05/2013

#### 4.3 Pós-produção

O projeto “Mapografias de São Paulo” previa em sua primeira edição, um trabalho final com tratamento gráfico dos mapas produzidos para uma exposição na escola em que foi aplicado. Em 2012, no Parque D. Pedro II esta etapa ficou incompleta por dois motivos, o primeiro por questões internas, os bolsistas eram em quantidade insuficiente, agravado pelo fato de que a finalização do projeto de

extensão coincide com final de semestre e avaliações na graduação, isto dificulta o trabalho com extensão. O segundo motivo diz respeito à escola parceira, com a aproximação das férias e todos os esforços da direção para acolher o programa da USP, ficam sem fôlego para a etapa Final. No Colégio São Paulo combinamos de fazer a exposição em agosto, depois das férias de julho. O início do novo semestre e as respectivas demandas na USP e na E.E., esfriou em absoluto o ímpeto para realizar a exposição.

A não realização plena desta etapa final não foi vista pelo grupo como alguma espécie de fracasso, ao contrário, consideramos que era um ponto a se estruturar melhor, em outras palavras, foi considerado um aprendizado promovido pelo trabalho. Na Zona Leste, como já relatado, tínhamos uma infraestrutura escolar menos qualificada, o que desde o início da atividade colocamos em debate como seria sua finalização naquelas condições. A resposta veio do próprio ambiente de realização do trabalho, do cruzamento da equipe de trabalho com os estudantes participantes e diretoria da Pedro Moreira e, mias enfaticamente da percepção dos olhares curiosos, sem se aproximarem, que vinham dos estudantes do noturno quando estávamos indo embora depois da atividade no vespertino.

O grupo propôs o mapa coletivo no pátio da escola no intervalo do noturno. Este encaminhamento produziu um efeito duplo, de um lado as participantes das oficinas tiveram um estímulo, e mesmo, um objetivo concreto, para a produção do mapa. Por outro lado, conseguimos fazer uma apresentação das atividades com mapas para o coletivo da escola de forma muito mais dinâmica e participativa da que conseguiríamos com uma exposição formal do Colégio São Paulo.

## **5. Participação dos bolsistas**

O projeto “MAPOGRAFIAS DE SÃO PAULO – Construção de mapas da cidade por estudantes de segundo grau da rede pública” contou com a participação de dois bolsistas da USP, Caio Carelli Oliveira do curso de Educação Física e Saúde e Gabriel Silva Reis de Gestão de Políticas Públicas. A solicitação no projeto era de quatro e esperava-se ao menos um do curso de Arquitetura. A PRCEU concedeu duas bolsas para o projeto, fomos obrigados a encolher as expectativas do projeto em função desta realidade.

Feito o registro, a participação de Caio e Gabriel no projeto foi de grande dedicação e envolvimento com todas as fases das atividades, em especial, no contato com a comunidade do E.E. Pedro Moreira, da direção aos alunos, todos fizeram comentários muito positivos da presença dos dois na escola. Eles fizeram visitas à escola além do horário das oficinas, algumas vezes para convocar os estudantes para nossas palestras de apresentação do projeto e outras para organização do mapa final, verificando se cada um tinha cumprido com sua parte. Antes de iniciarmos os procedimentos mais executivos foram feitas reuniões (expositivas) sobre os conteúdos e métodos desenvolvidos pelo GeMAP, grupo de estudos originário do projeto, que seriam aplicados nas oficinas. Estas reuniões objetivavam a instrumentalização conceitual e prática dos bolsistas.

Além dos dois bolsistas tivemos a colaboração de três estudantes de Arquitetura e Urbanismo, bolsistas também do programa “Aprender com Cultura e Extensão” no projeto “Melhorias habitacionais no Jardim Lapenna, zona leste”, coordenado pela profa. Camila D’Ottaviano. Os dois projetos têm equipe de professores participantes comum e foram realizados com estreitos laços de colaboração

## **6. Conclusão**

Do ponto de vista prático o projeto possibilitou experimentações muito significativas a todos os envolvidos, professores, bolsistas e estudantes de ensino médio participantes, no sentido de

entendimento e reflexão sobre o ambiente de nossa cidade. Verificamos isto na produção de mapas durante as oficinas e nos depoimentos dos participantes ao final dela.

Dois outros aspectos devem ser apontados como resultados das atividades propostas, o primeiro em relação ao trabalho de extensão universitária. Neste sentido o trabalho com alunos de ensino médio da rede pública é de grande profundidade. Além do contato com o universo acadêmico e conteúdos que oferecem ao estudante perspectivas em relação às escolhas de carreiras, na mesma proporção abre horizontes para a reflexão numa idade fundamental para a construção da cidadania e participação.

Estes dois parágrafos são reprodução do relatório da edição anterior do projeto “Mapografias”, pois permanecem como avaliação da atividade. Contudo, a experiências no Jardim Lapenna possibilitou outras avaliações e reflexões, três delas devem ser mencionadas.

A primeira relativa à intensidade de questões e conflitos no território periférico, o que implica em maior intensidade na prática mapográfica, muito além da localização na geografia da cidade, a intensidade vem do ritmo do próprio território de sua condição interna.

Outra avaliação está ligada ao fato de ser uma segunda edição do projeto, ao nosso ver ele ganhou maturidade e melhor adequação entre o projetado e o realizado. O mais apropriado seria dizer que nesta segunda edição entendemos que o projeto é um roteiro do percurso, mais do que uma limitação programática.

A terceira, e como aprendizado a mais importante, foi a finalização do projeto no *happening* de construção coletiva do mapa do Lapenna. Foi um término de trabalho muito expressivo (por isso o uso da palavra *happening*, misto de festa, arte e política), foi uma experiência que certamente vamos querer repetir.



>>> Participantes, direção da escola e bolsistas do projeto